

PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER

VOLUME 4



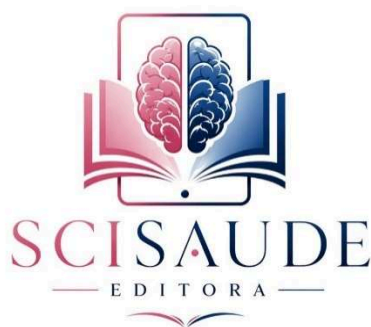
SCISAUDE
— EDITORA —

PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER

VOLUME 4



SCISAUDE
— EDITORA —



O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do SCISAUDE. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.



LICENÇA CREATIVE COMMONS

A editora detém os direitos autorais pela edição e projeto gráfico. Os autores detêm os direitos autorais dos seus respectivos textos. PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 4 de [SCISAUDE](https://www.scisaude.com.br/catalogo/planejamento-e-gestao-em-saude-da-mulher-4/103) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/). (CC BY-NC-ND 4.0). Baseado no trabalho disponível em <https://www.scisaude.com.br/catalogo/planejamento-e-gestao-em-saude-da-mulher-4/103>

2026 by SCISAUDE

Copyright © SCISAUDE

Copyright do texto © 2026 Os autores

Copyright da edição © 2026 SCISAUDE

Direitos para esta edição cedidos ao SCISAUDE pelos autores.

Open access publication by SCISAUDE



PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 4

ORGANIZADORES

Me. Iara Nadine Vieira da Paz Silva

<http://lattes.cnpq.br/3158922554159966>

<https://orcid.org/0000-0002-5027-200X>

Andre Massahiro Shimaoka

Editor chefe

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Projeto gráfico

Lennara Pereira Mota

Diagramação:

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Lennara Pereira Mota

Revisão:

Os Autores





Conselho Editorial

Ana Flavia de Oliveira Ribeiro	Elane da Silva Barbosa	Juliane Maguetas Colombo Pazzanese
Ana Florise Morais Oliveira	Francine Castro Oliveira	Júlia Maria do Nascimento Silva
André de Lima Aires	Giovanna Carvalho Sousa Silva	Kaline Malu Gerônimo Silva dos Santos
Angélica de Fatima Borges Fernandes	Heloísa Helena Figuerêdo Alves	Laíza Helena Viana
Camila Tuane de Medeiros	Jamile Xavier de Oliveira	Leandra Caline dos Santos
Camilla Thaís Duarte Brasileiro	Jean Carlos Leal Carvalho De Melo Filho	Lennara Pereira Mota
Carla Fernanda Couto Rodrigues	João Paulo Lima Moreira	Luana Bastos Araújo
Daniela de Castro Barbosa Leonello	Juliana britto martins de Oliveira	Maria Isabel Soares Barros
Dayane Dayse de Melo Costa	Juliana de Paula Nascimento	Maria Luiza de Moura Rodrigues
Maria Vitalina Alves de Sousa	Raissa Escandiusi Avramidis	Wesley Romário Dias Martins
Maryane Karolyne Buarque Vasconcelos	Renata Pereira da Silva	Wilianne da Silva Gomes
Paulo Sérgio da Paz Silva Filho	Sannya Paes Landim Brito Alves	Willame de Sousa Oliveira
Mayara Stefanie Sousa Oliveira	Suellen Aparecida Patricio Pereira	Naila Roberta Alves Rocha
Michelle Carvalho Almeida	Thamires da Silva Leal	Neusa Camilla Cavalcante Andrade Oliveira
Márcia Farsura de Oliveira		





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Planejamento e gestão em saúde da mulher [livro eletrônico] :
volume 4 / [organização Iara Nadine Vieira da Paz Silva; Andre
Massahiro Shimaoka; Wallace Rodrigues de Holanda Miranda]. --
Teresina, PI : SCISAUDE, 2026.
PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-85376-90-7

1. Artigos científicos - Coletâneas 2. Ginecologia 3.
Maternidade 4. Mulheres - Saúde mental 5.
Multidisciplinaridade 6. Saúde da mulher 7. Saúde pública
I. Silva, Iara Nadine Vieira da Paz; II. Shimaoka, Andre
Massahiro; Miranda, Wallace Rodrigues de Holanda.

26-369059.0

CDD-613.04244

Índices para catálogo sistemático:

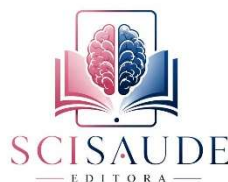
1. Saúde da mulher : Medicina 613.04244
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB
8/8415



10.56161/sci.ed.20260427



978-65-85376-90-7



SCISAUDE
Teresina – PI – Brasil
scienceesaude@hotmail.com
www.scisaude.com.br



SCISAUDE
EDITORA



APRESENTAÇÃO

A obra **Saúde e Vida: Uma Abordagem Multidisciplinar 4** dá continuidade à missão de promover a integração de conhecimentos e experiências que contribuem para o fortalecimento da ciência e das práticas em saúde. Em um contexto marcado por desafios cada vez mais complexos, torna-se essencial compreender a saúde de forma ampla, considerando os aspectos biológicos, sociais, ambientais, culturais e tecnológicos que influenciam o processo saúde-doença.

Este quarto volume reúne importantes contribuições de pesquisadores, docentes, profissionais e estudantes das mais diversas áreas da saúde, apresentando reflexões, pesquisas e experiências que enriquecem o debate científico e fortalecem a construção de práticas assistenciais mais qualificadas, humanizadas e baseadas em evidências. Os capítulos contemplam temáticas atuais e relevantes, abordando desde ações de promoção da saúde e prevenção de agravos até avanços diagnósticos, terapêuticos e tecnológicos.

A proposta desta coletânea é incentivar a interdisciplinaridade e a troca de saberes, reconhecendo que os desafios contemporâneos da saúde exigem abordagens integradas e colaborativas. Ao reunir diferentes perspectivas, a obra contribui para a formação acadêmica, o aperfeiçoamento profissional e o desenvolvimento de estratégias capazes de gerar impactos positivos na qualidade de vida da população.

Espera-se que este volume sirva como fonte de conhecimento, inspiração e reflexão para todos aqueles comprometidos com a promoção da saúde, a valorização da vida e a construção de um cuidado cada vez mais ético, inclusivo, humanizado e resolutivo. Que as experiências e evidências aqui compartilhadas fortaleçam o compromisso coletivo com uma sociedade mais saudável e com sistemas de saúde mais eficientes e acessíveis.

Boa Leitura!





Sumário

CAPÍTULO 1.....	11
INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA AUTOESTIMA DE MULHERES NO PUERPÉRIO: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL.....	11
10.56161/sci.ed.20260613C1	11
CAPÍTULO 2.....	28
DEPRESSÃO PÓS-PARTO: FATORES ASSOCIADOS E REPERCUSSÕES NA AUTOESTIMA DA MULHER.....	28
10.56161/sci.ed.20260613C2	28
CAPÍTULO 3.....	45
POLIFENÓIS NA PÓS-MENOPAUSA: MECANISMOS ANTIOXIDANTES E PROTEÇÃO CARDIOVASCULAR FEMININA	45
10.56161/sci.ed.20260613C3	45
CAPÍTULO 4.....	60
CONTRACEPTIVOS ORAIS E DEPLEÇÃO DE NUTRIENTES: IMPACTOS CLÍNICOS E MANEJO NUTRICIONAL NA SAÚDE FEMININA	60
10.56161/sci.ed.20260613C4	60
CAPÍTULO 5.....	75
PERSISTÊNCIA DA INFECÇÃO PELO HPV E FATORES RELACIONADOS À PROGRESSÃO DAS LESÕES INTRAEPITELIAIS.....	75
10.56161/sci.ed.20260613C5	75
CAPÍTULO 6.....	89
DE SOP PARA SOMP: ATUALIZAÇÕES CLÍNICAS E O PAPEL DA NUTRIÇÃO NO MANEJO METABÓLICO.....	89
10.56161/sci.ed.20260613C6	89
CAPÍTULO 7.....	104
CLÍNICAS E OBSTÉTRICAS EM GESTANTES DE ALTO RISCO	104
10.56161/sci.ed.20260613C7	104
CAPÍTULO 8.....	118
ENDOMETRIOSE E SAÚDE PÉLVICA: DISFUNÇÕES E INTERVENÇÕES FISIOTERAPÊUTICAS.....	118
10.56161/sci.ed.20260613C8	118
CAPÍTULO 9.....	130
MENOPAUSA E REGULAÇÃO AUTÔNOMICA CARDIOVASCULAR: IMPLICAÇÕES DO SONO E DO RISCO CARDIOVASCULAR	130
10.56161/sci.ed.20260613C9	130





CAPÍTULO 10.....	146
MITOS, DESCONHECIMENTOS, FATORES CULTURAIS E ASSISTENCIAIS NO TRABALHO DE PARTO: REVISÃO INTEGRATIVA	146
10.56161/sci.ed.20260613C10	146
CAPÍTULO 11.....	163
PROMOÇÃO DA SAÚDE DA MULHER NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO NARRATIVA	163
10.56161/sci.ed.20260613C11	163
CAPÍTULO 12.....	171
PROTAGONISMO DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA NA ASSISTÊNCIA AO PARTO NORMAL: EVIDÊNCIAS DE UMA REVISÃO INTEGRATIVA	171
10.56161/sci.ed.20260613C12	171
CAPÍTULO 13.....	187
SARCOPENIA E ENVELHECIMENTO FEMININO: ESTRATÉGIAS NUTRICIONAIS E FUNCIONAIS PARA A MANUTENÇÃO DA SAÚDE MÚSCULO-ESQUELÉTICA.....	187
10.56161/sci.ed.20260613C13	187
CAPÍTULO 14.....	198
GESTAÇÃO HETEROTÓPICA – RELATO DE CASO	198
10.56161/sci.ed.20260613C14.....	198
CAPÍTULO 15.....	206
GESTAÇÃO MOLAR TRIPLOIDE – RELATO DE CASO	206
10.56161/sci.ed.20260613C15	206
CAPÍTULO 16.....	220
IMPACTO DO ESTROBOLOMA NA ENDOMETRIOSE: MODULAÇÃO POR MEIO DE INTERVENÇÃO NUTRICIONAL	220
10.56161/sci.ed.20260613C16.....	220
CAPÍTULO 17.....	233
EFEITOS DA FISIOTERAPIA NA QUALIDADE DE VIDA E QUEIXAS RELACIONADAS À ENDOMETRIOSE: REVISÃO INTEGRATIVA	233
10.56161/sci.ed.20260613C17	233
CAPÍTULO 18.....	245
SEPSE PUERPERAL: FATORES DE RISCO E ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA IDENTIFICAÇÃO PRECOCE E PREVENÇÃO	245
10.56161/sci.ed.20260613C18.....	245
CAPÍTULO 19.....	254
TRADWIFES: ENTRE A AUTONOMIA FEMININA E A ROMANTIZAÇÃO DOS PAPÉIS TRADICIONAIS DE GÊNERO	254
10.56161/sci.ed.20260613C19	254





CAPÍTULO 20.....	267
VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL: DESAFIOS PARA ASSISTÊNCIA	
HUMANIZADA	267
10.56161/sci.ed.20260613C20	267





CAPÍTULO 19

TRADWIFES: ENTRE A AUTONOMIA FEMININA E A ROMANTIZAÇÃO DOS PAPÉIS TRADICIONAIS DE GÊNERO

TRADWIFES: BETWEEN FEMALE AUTONOMY AND THE ROMANTICIZATION OF TRADITIONAL GENDER ROLES

 10.56161/sci.ed.20260613C19

Isabela Quirino Costa

Diretora Acadêmica e Administrativa do CRESEX (Centro de Referência em Sexualidade)

ORCID iD: 0009-0007-3096-4870

Mônica Lima Souza

Presidente do CRESEX (Centro de Referência em Sexualidade)

ORCID iD: 0009-0000-7351-8052

Rayana Oliveira Ribeiro

Diretora de Comunicação e Eventos do CRESEX (Centro de Referência em Sexualidade)

ORCID iD: 0009-0007-8908-2645

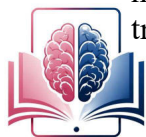
Giovanna Lemes Arantes

Estudante de Psicologia da UNIUBE

ORCID iD: 0009-0006-2654-5289

RESUMO

OBJETIVO: discutir, por meio de revisão narrativa da literatura, as implicações do movimento tradwife para a saúde e o bem-estar psicológico das mulheres, analisando se ele representa uma expressão de escolha e autonomia feminina ou uma forma de romantização das desigualdades de gênero. **METODOLOGIA:** revisão narrativa que reuniu produção acadêmica nacional e internacional de Psicologia, Saúde da Mulher, Comunicação e Estudos de Gênero, além de fontes jornalístico-científicas, organizada em sete eixos: surgimento do movimento, impacto das redes sociais, sua manifestação no Brasil, interseção com religião e manosphere, escolha individual versus reprodução de papéis de gênero, limites da autonomia feminina e, com destaque, contribuições da Psicologia sobre a saúde mental feminina. **RESULTADOS:** o movimento tradwife surgiu associado à nostalgia por padrões de gênero da década de 1950 e se popularizou por meio de plataformas como o TikTok, cujos algoritmos favorecem a difusão de conteúdo esteticamente idealizado e, em parte dos casos, de discursos conservadores ligados à manosphere digital. No Brasil, o fenômeno se soma a desigualdades persistentes na divisão do trabalho doméstico. O discurso da escolha individual frequentemente dissocia a adesão a papéis





tradicionais das estruturas patriarcais que a sustentam, e a dependência financeira promovida por esse estilo de vida constitui fator de risco documentado tanto para a permanência em relações abusivas quanto para sintomas de ansiedade e depressão, ainda que a literatura também indique que maior autonomia decisória, sem suporte relacional adequado, nem sempre é protetiva. **CONCLUSÃO:** o tradwife não pode ser compreendido apenas como escolha individual nem apenas como reprodução passiva de opressão; trata-se de um fenômeno ambivalente, situado na tensão entre autonomia relacional e condicionamentos estruturais, cuja compreensão crítica e cujo acompanhamento clínico são tarefas relevantes para a Psicologia no campo da saúde da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Papel de Gênero; Autonomia Pessoal; Mídias Sociais; Violência contra a Mulher; Psicologia.

ABSTRACT

OBJECTIVE: to discuss, through a narrative literature review, the implications of the tradwife movement for women's health and psychological well-being, examining whether it represents an expression of women's choice and autonomy or a form of romanticization of gender inequality. **METHODOLOGY:** a narrative review gathering national and international academic production in Psychology and Women's Health, Communication, and Gender Studies, as well as scientific-journalistic sources, organized into seven thematic axes: the emergence of the movement, the impact of social media on its idealization, its manifestation in Brazil, its intersection with religious discourse and the manosphere, the difference between individual choice and the reproduction of gender roles, the limits of female autonomy in this context, and, with particular emphasis, the contributions of Psychology to understanding its effects on women's mental health. **RESULTS:** the tradwife movement emerged associated with nostalgia for 1950s gender norms and gained popularity through platforms such as TikTok, whose algorithms favor the spread of aesthetically idealized content and, in some cases, conservative discourse linked to the digital manosphere. In Brazil, the phenomenon compounds persistent inequalities in the division of domestic labor. The individual-choice narrative frequently dissociates adherence to traditional roles from the patriarchal structures that sustain them, and the financial dependency promoted by this lifestyle is a documented risk factor both for remaining in abusive relationships and for anxiety and depressive symptoms, although the literature also indicates that greater decision-making autonomy, without adequate relational support, is not always protective. **CONCLUSION:** the tradwife phenomenon cannot be understood merely as individual choice nor merely as passive reproduction of oppression; it is an ambivalent phenomenon situated in the tension between relational autonomy and structural constraints, whose critical understanding and clinical follow-up are relevant tasks for Psychology within the field of women's health.

KEYWORDS: Gender Role; Personal Autonomy; Social Media; Violence Against Women; Psychology.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, plataformas como TikTok, Instagram e YouTube popularizaram um estilo de vida identificado pelo termo tradwife — abreviação de traditional wife (esposa tradicional) —, no qual mulheres cisgênero apresentam rotinas domésticas idealizadas, dedicação integral ao lar, aos filhos e ao marido, e uma estética associada a padrões de feminilidade da década de 1950. O movimento não se restringe aos Estados Unidos: ganhou





tração também na Europa e chegou ao Brasil, onde influenciadoras adotam rótulos como "esposa tradicional" ou "esposa troféu" para descrever rotinas semelhantes (Sler, 2024).

O movimento suscita um debate que atravessa a Psicologia, a Comunicação e os estudos de gênero: até que ponto a adesão a esse estilo de vida representa uma escolha autônoma e legítima, e até que ponto ela reproduz e romantiza desigualdades de gênero historicamente combatidas pelos movimentos feministas? Pesquisadoras da área apontam que a estética e o discurso tradwife com frequência se apropriam de uma linguagem de empoderamento e liberdade de escolha para veicular, de forma dissimulada, ideais de submissão feminina, essencialismo de gênero e, em alguns casos, discursos políticos conservadores (Farvid et al., 2026; Media Matters for America, 2025).

No Brasil, o debate sobre o tema ocorre em um cenário de intensa polarização política, no qual a discussão sobre o papel social da mulher voltou a ganhar centralidade no espaço público (IstoÉ, 2025). Especialistas brasileiras em violência de gênero alertam para os riscos de romantização de um modelo que, sob a linguagem contemporânea da escolha pessoal, reatualiza desigualdades históricas na divisão do trabalho doméstico e reforça a dependência financeira das mulheres em relação aos cônjuges (IstoÉ, 2025).

Para o campo da saúde da mulher, o fenômeno tradwife é particularmente relevante porque situa, em escala global e de massa, uma discussão que profissionais de Psicologia, ginecologia, obstetrícia e atenção primária já enfrentam clinicamente: a relação entre dependência financeira, isolamento social, papéis de gênero rigidamente definidos e desfechos de saúde mental feminina. Dependência econômica e baixa participação em decisões domésticas figuram, na literatura internacional, entre os fatores associados a maiores taxas de ansiedade e depressão em mulheres casadas, o que reforça a pertinência de discutir esse fenômeno também sob a ótica da saúde, e não apenas da cultura digital ou dos estudos de gênero isoladamente.

Este capítulo tem como objetivo discutir, por meio de revisão narrativa da literatura, as implicações do movimento tradwife para a saúde e o bem-estar psicológico das mulheres, analisando se ele representa uma expressão legítima de escolha e autonomia feminina ou uma forma de romantização das desigualdades de gênero. A discussão está organizada em sete eixos temáticos: o surgimento do movimento; o impacto das redes sociais na idealização desse estilo de vida; sua manifestação no Brasil; sua interseção com discursos religiosos e com a manosphere; a diferença entre escolha individual e reprodução de papéis de gênero; os limites da autonomia





feminina nesse contexto; e, com ênfase especial, as contribuições da Psicologia para a compreensão de seus efeitos sobre a saúde mental feminina.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

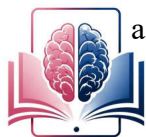
Trata-se de um estudo teórico, de natureza qualitativa, conduzido por meio de revisão narrativa da literatura. Foram consultadas produções acadêmicas nacionais e internacionais — artigos, editoriais de periódicos científicos e obras clássicas da teoria feminista —, bem como reportagens de veículos jornalísticos especializados, sem pretensão de exaustividade ou de aplicação de critérios sistemáticos de inclusão e exclusão, próprios de revisões sistemáticas. Não houve coleta de dados primários nem contato direto com seres humanos, razão pela qual o estudo não demandou submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. A discussão foi organizada tematicamente e as citações no texto, bem como a lista de referências, seguem as normas NBR 10520 e NBR 6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O surgimento do movimento tradwife: da mística feminina ao fenômeno digital

A origem exata do termo tradwife é incerta, mas a literatura associa suas raízes ideológicas ao período pós-Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, quando a cultura popular e a mídia impressa passaram a incentivar fortemente o retorno das mulheres à vida doméstica, consolidando a imagem da dona de casa feliz em revistas e programas de televisão. É justamente esse período que Betty Friedan (1971) analisou criticamente em sua obra sobre o mal-estar sem nome sentido por mulheres norte-americanas confinadas à domesticidade idealizada, décadas antes do surgimento do termo tradwife. A autora descreveu como o afastamento forçado do mercado de trabalho após a guerra produziu, sob a aparência de conforto doméstico, um sofrimento psíquico difuso entre mulheres que não dispunham de vocabulário para nomear sua insatisfação — precisamente a mesma domesticidade que o movimento tradwife, décadas mais tarde, viria a romantizar como ideal de plenitude feminina.

O movimento contemporâneo é descrito como um fenômeno internacional de mulheres que defendem o retorno a normas de gênero tradicionais por meio da submissão ao marido e da promoção da vida doméstica. Sua popularização mais recente ocorreu durante o período de isolamento social da pandemia, quando influenciadoras passaram a compartilhar rotinas de trabalho doméstico centradas em papéis de gênero tradicionais. Parte da literatura associa a estética do movimento a discursos conservadores e, em casos específicos, à extrema-





direita, ainda que nem todas as adeptas do estilo de vida doméstico se identifiquem com esse espectro ideológico (Media Matters for America, 2025; Farvid et al., 2026).

3.2 Estética, algoritmos e a idealização nas redes sociais

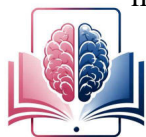
As redes sociais, sobretudo o TikTok, desempenham papel central na difusão e idealização do estilo de vida tradwife. O conteúdo típico do gênero retrata mulheres esteticamente arrumadas, preparando refeições caseiras impecáveis em cozinhas cuidadosamente decoradas, para famílias aparentemente perfeitas. Essa estética cuidadosamente curada levanta preocupações quanto ao impacto sobre o público, sobretudo mulheres jovens que podem ser atraídas pela imagem sem compreender plenamente as limitações do estilo de vida retratado.

Um estudo conduzido pela organização Media Matters for America (2025) mostrou que o algoritmo de recomendação do TikTok, após interações exclusivas com conteúdo tradwife, passou a exibir com frequência conteúdos de teorias da conspiração e desinformação política, com quase um terço dos vídeos recomendados contendo esse tipo de discurso. Esse achado é compatível com a teoria do cultivo, de Gerbner e Gross (1976), segundo a qual a exposição repetida e algorítmica a determinado conteúdo molda gradualmente a percepção do público sobre o que é normal ou desejável. Pesquisa qualitativa sobre a cobertura do movimento na mídia holandesa mostrou ainda que mesmo coberturas jornalísticas críticas ou irônicas em relação às tradwives podem, ao tratarem o fenômeno como algo banal ou apenas divertido, contribuir involuntariamente para a normalização de ideologias de gênero regressivas (Giolo, 2025).

Pesquisas sobre o conteúdo tradwife no TikTok identificam ainda a centralidade da maternidade e da reprodução na estética do movimento, associando-a a ideais de continuidade cultural e, em alguns casos, a discursos de nostalgia colonial (Scott; Day, 2025). Essa dimensão reforça a ideia de que o algoritmo não apenas amplifica conteúdo esteticamente agradável, mas também naturaliza, pela repetição, uma visão específica e restritiva do papel social da mulher.

3.3 O movimento tradwife no Brasil

Embora o movimento tenha se originado nos Estados Unidos, o estilo de vida tradwife encontrou repercussão significativa entre influenciadoras brasileiras, que reúnem seguidoras na casa das centenas de milhares ao descreverem sua rotina doméstica como escolha de vida plena, muitas vezes sob o rótulo de "esposa troféu" (Sler, 2024).





Especialistas brasileiras entrevistadas sobre o fenômeno apontam uma contradição central no discurso dessas influenciadoras: embora afirmem estar fazendo uma escolha estritamente pessoal, tal escolha não pode ser analisada fora da estrutura de classe social, já que essa forma de vida só é viável para mulheres cujos cônjuges possuem alto poder aquisitivo — realidade que não representa a maioria das famílias brasileiras, em que a renda feminina é frequentemente indispensável ao orçamento doméstico (IstoÉ, 2025). O Brasil apresenta, ainda, especificidades relevantes para essa discussão: pesquisas nacionais mostram que as mulheres seguem sendo responsáveis pela maior parte das tarefas de cuidado mesmo quando inseridas no mercado de trabalho, o que torna a idealização da dona de casa em tempo integral um fenômeno especialmente sensível no contexto brasileiro (IstoÉ, 2025).

Pesquisadoras e profissionais que analisam o tema no país também destacam que parte das influenciadoras adota essa persona sobretudo por interesse comercial — como estratégia de monetização e crescimento de audiência —, sem que isso corresponda necessariamente a uma identificação genuína e integral com a causa que professam publicamente (Sler, 2024).

3.4 Religião, *manosfera* e o discurso do complementarismo

Parcela relevante do conteúdo *tradwife* está associada a uma leitura conservadora dos papéis conjugais, especialmente ao conceito de complementarismo — a ideia de que homens e mulheres exercem papéis distintos, porém complementares, no casamento, com autoridade final atribuída ao marido (Scott; Day, 2025). Esse discurso dialoga diretamente com um fenômeno mais amplo conhecido como *manosfera*, um conjunto de comunidades on-line voltadas à promoção de masculinidade tradicional, antifeminismo e, em muitos casos, misoginia (Skogan, 2025).

Pesquisadores têm documentado uma crescente convergência entre setores da *manosfera* e círculos religiosos conservadores, na qual o ideal *tradwife* é apresentado como contrapartida feminina ideal ao homem que resgata sua masculinidade tradicional, em uma divisão de papéis que se autolegitima mutuamente (Skogan, 2025). Essa convergência não é, contudo, unânime nem consensual dentro das próprias tradições religiosas, havendo setores que se posicionam publicamente contra o que consideram uma distorção de mensagens de cuidado mútuo em favor de discursos de autoridade e controle masculino (Skogan, 2025). Esse debate interno demonstra que a apropriação religiosa do ideal *tradwife* é, ela própria, um campo de disputa, e não uma leitura única ou incontestável da tradição.

3.5 A diferença entre uma escolha individual e a reprodução de papéis de gênero





Um dos aspectos mais discutidos na literatura é o modo como o movimento tradwife se apropria de uma linguagem de escolha e empoderamento pessoal para descrever a adesão a papéis de gênero tradicionais. Esse discurso dialoga com o conceito de feminismo neoliberal, no qual a linguagem feminista de autonomia e realização pessoal é ressignificada para enfatizar a responsabilidade individual da mulher por suas escolhas, dissociando-as das estruturas sociais que as condicionam (Rottenberg, 2014). A literatura sobre cultura pós-feminista descreve esse movimento mais amplo como uma reformulação da subjetividade feminina em termos de escolha individual, autovigilância e autoaperfeiçoamento, mesmo quando as escolhas descritas reproduzem papéis convencionais de gênero (Gill, 2007).

Farvid et al. (2026) identificaram, em análise de conteúdo de influenciadoras tradwife, quatro perfis visuais recorrentes — fundamentalista cristã, deusa doméstica, libertária rural e feminista reformada — associados a temas como essencialismo de gênero e pronatalismo, indicando que o discurso da escolha convive, em graus variados, com ideologias estruturais de subordinação. Já Judith Butler (2003), em sua análise clássica sobre a construção social do gênero, argumenta que papéis tidos como naturais ou tradicionais são, na verdade, performances culturalmente construídas e repetidas, o que relativiza a ideia de que o modelo tradwife representaria um retorno a uma suposta ordem natural entre os sexos.

Ao comentarem a produção científica reunida sobre o tema, Betz, Liss e Ramsey (2026) observam que a literatura oscila entre dois polos: uma leitura mais empática, que reconhece a legitimidade das escolhas individuais de mulheres tradwife, e uma leitura mais crítica, que evidencia as forças estruturais — econômicas, religiosas e políticas — que fomentam o movimento. Para as autoras, essa tensão não deve ser resolvida de forma simplista, mas reconhecida como parte constitutiva do fenômeno.

3.6 Autonomia feminina: é possível escolher esse modelo livremente?

A pergunta sobre se é possível escolher livremente o modelo tradwife remete a um debate filosófico mais amplo sobre autonomia em contextos de opressão de gênero. Décadas antes desse debate contemporâneo, Simone de Beauvoir (1980) já apontava como a mulher é socialmente constituída como o Outro em relação ao homem, tomado como sujeito e referência universal, de modo que desejos e escolhas tidos como femininos são, em larga medida, produtos de uma longa condição social e histórica, e não expressões de uma essência natural. Em obra dedicada especificamente à interseção entre autonomia, gênero e política, Marilyn Friedman (2003) argumenta que teorias tradicionais de autonomia frequentemente ignoram como as





relações de poder de gênero moldam, de forma sutil e cumulativa, o próprio repertório de opções disponível às mulheres — o que reforça a necessidade de não avaliar a autonomia apenas pelo critério formal da ausência de coação explícita, mas também pelas condições relacionais e materiais em que a escolha é exercida.

A dimensão de classe social é central para qualificar essa discussão. Como observam especialistas brasileiras, a possibilidade de abdicar de uma renda própria pressupõe um patamar socioeconômico específico, restrito a um pequeno grupo de mulheres cujos parceiros conseguem sustentar sozinhos o núcleo familiar (IstoÉ, 2025). Esse questionamento é especialmente relevante diante da dimensão econômica do estilo de vida tradwife: a renúncia à vida profissional em favor da dependência financeira do cônjuge é apontada, na literatura brasileira sobre violência doméstica, como fator que dificulta a saída de relacionamentos abusivos e prolonga a exposição das mulheres a situações de vulnerabilidade (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2022). O discurso da livre escolha tradwife tende, assim, a apagar o fato de que a própria possibilidade de escolha é, ela mesma, distribuída de forma desigual entre as mulheres, a depender de sua posição de classe, raça e acesso a recursos econômicos.

3.7 Contribuições da Psicologia para compreender o fenômeno

A Psicologia e os estudos de gênero oferecem ferramentas importantes para compreender o fenômeno tradwife sem recair em leituras simplistas, seja de condenação moral das mulheres que aderem a esse estilo de vida, seja de celebração acrítica de suas escolhas. A teoria do esquema de gênero descreve como, desde a infância, os indivíduos constroem estruturas cognitivas organizadas em torno da dicotomia masculino-feminino, que passam a filtrar automaticamente a autopercepção e o processamento de informações sociais — o que ajuda a explicar por que papéis tradicionais de gênero tendem a ser vividos subjetivamente como escolhas espontâneas e não como produtos de condicionamento social (Bem, 1981).

Um recurso teórico particularmente útil para qualificar clinicamente a discussão sobre autonomia é a Teoria da Autodeterminação, segundo a qual o bem-estar psicológico depende da satisfação de três necessidades básicas — autonomia, competência e vínculo — e da qualidade da motivação subjacente a um comportamento, e não apenas de sua ocorrência (Deci; Ryan, 2000). Sob essa perspectiva, adotar um papel doméstico tradicional pode refletir motivação autônoma, quando a mulher reconhece e endossa genuinamente esse valor como seu, ou motivação controlada, quando a escolha decorre de pressão externa, medo da desaprovação





do cônjuge ou de comunidades religiosas, ou de contingências econômicas que restringem alternativas reais. Essa distinção é clinicamente relevante: duas mulheres podem apresentar a mesma rotina doméstica e, ainda assim, vivenciá-la de modos psicologicamente muito distintos, a depender do grau de internalização autêntica versus regulação introjetada do papel assumido. A necessidade de vínculo, em particular, ajuda a explicar parte do apelo do movimento: a comunidade tradwife on-line oferece pertencimento e validação social em um momento de intensa fragmentação de laços comunitários, o que pode ser psicologicamente reforçador independentemente do conteúdo ideológico específico que a comunidade veicula (Betz; Liss; Ramsey, 2026).

Um estudo epidemiológico recente, conduzido com quase 19 mil mulheres casadas em Bangladesh a partir de dados de um levantamento nacional, complica a suposição simplificada de que maior autonomia decisória seria sempre protetiva para a saúde mental feminina: mulheres com maior poder de decisão doméstica apresentaram, contraintuitivamente, chances mais elevadas de sintomas depressivos e ansiosos graves, um achado que os autores associam à expansão de responsabilidades sem suporte social ou material correspondente (Eom et al., 2026). Esse resultado é relevante para a discussão sobre tradwifes porque indica que autonomia formal — no sentido de deter poder de decisão — não é, isoladamente, garantia de bem-estar psicológico; o que parece proteger a saúde mental é a combinação entre autonomia, competência percebida e uma rede de apoio funcional, e não apenas a quantidade de responsabilidades ou de liberdade decisória atribuída à mulher, esteja ela mais voltada à vida doméstica ou mais inserida no mercado de trabalho.

Nos casos em que a dependência financeira e o isolamento social se agravam ao longo do tempo, a Psicologia dispõe ainda do conceito clássico de desamparo aprendido, segundo o qual a exposição repetida a situações em que os próprios esforços parecem não produzir efeito sobre os resultados da própria vida pode levar ao desenvolvimento de um padrão passivo de enfrentamento, com redução da iniciativa e da percepção de controle sobre o próprio futuro (Seligman, 1975). Esse conceito é clinicamente útil para diferenciar uma adesão saudável e reversível ao papel doméstico de um quadro de progressiva perda de agência, no qual a mulher deixa de vislumbrar alternativas reais de vida — cenário que pode se instalar de forma sutil e cumulativa, sem um evento único que sirva de alerta evidente para a própria mulher ou para sua rede de apoio.





Em obra dedicada especificamente à interseção entre autonomia, gênero e política, Marilyn Friedman (2003) argumenta que teorias tradicionais de autonomia frequentemente ignoram como as relações de poder de gênero moldam, de forma sutil e cumulativa, o próprio repertório de opções disponível às mulheres — o que reforça a necessidade de a Psicologia não avaliar a autonomia apenas pelo critério formal da ausência de coação explícita, mas também pelas condições relacionais e materiais em que a escolha é exercida, e pela presença ou ausência de suporte social que sustente essa escolha ao longo do tempo.

Do ponto de vista da prática clínica, referenciais de terapia feminista defendem uma postura que evita tanto a imposição dos valores políticos do terapeuta quanto a validação acrítica de qualquer escolha, priorizando a construção de uma relação terapêutica igualitária, a análise conjunta do contexto social da cliente e o fortalecimento de sua capacidade de decisão informada (Enns, 2004). Nessa abordagem, o papel do profissional não é julgar a opção pela vida doméstica em si, mas ajudar a cliente a explorar se essa escolha satisfaz ou frustra suas necessidades psicológicas de autonomia, competência e vínculo, e a identificar sinais de alerta clínicos que extrapolam a preferência por um estilo de vida — como isolamento social progressivo, ausência de acesso a recursos financeiros próprios, dificuldade em imaginar alternativas de vida fora do relacionamento atual, indicadores de desamparo aprendido ou medo de expressar discordância do cônjuge. A perspectiva de bell hooks (2000) sobre o feminismo como movimento voltado ao fim da opressão sexista, e não apenas à celebração de escolhas individuais femininas, é particularmente útil para diferenciar a linguagem de empoderamento apropriada por parte do discurso *tradwife* de um projeto mais amplo de igualdade de gênero.

Essa atenção clínica tem implicações diretas para equipes multidisciplinares de saúde da mulher. Consultas de pré-natal, puerpério, planejamento familiar e atenção primária costumam ser, na prática, um dos poucos pontos de contato regular entre mulheres em rotinas domésticas intensas e profissionais de saúde fora do núcleo familiar, o que torna esses momentos oportunidades relevantes para o rastreamento informal de sinais de sofrimento psíquico, isolamento e dependência financeira extrema, especialmente quando articulados a uma escuta psicológica qualificada dentro da própria equipe.

A literatura brasileira sobre dependência emocional em relacionamentos abusivos reforça essa preocupação clínica, ao descrever como fatores psicológicos, financeiros e sociais se combinam para dificultar o rompimento de vínculos prejudiciais, e destaca o papel do profissional de Psicologia no fortalecimento da autoestima e da autonomia das mulheres





atendidas (Revista FOCO, 2025). Ainda que a maior parte das mulheres tradwife não esteja em situação de violência doméstica, a literatura sugere que a naturalização da dependência financeira e da submissão como ideais de vida merece atenção clínica e social, dada sua sobreposição com fatores de risco já documentados para a violência de gênero (Saffioti, 2015; Segato, 2016). Para a Psicologia da saúde da mulher, portanto, o fenômeno tradwife representa não apenas um objeto de análise social, mas também um convite a refinar instrumentos clínicos capazes de diferenciar, caso a caso, entre uma escolha de vida legítima e psicologicamente saudável e uma adaptação defensiva a condições relacionais de risco.

4. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão realizada indica que o movimento tradwife não pode ser compreendido de forma unívoca, nem como simples exercício de liberdade individual, nem como mera reprodução passiva de opressão de gênero. Trata-se de um fenômeno ambivalente, que se apropria de uma linguagem contemporânea de escolha e autenticidade para reencenar, com forte apelo estético e algorítmico, papéis de gênero historicamente associados à subordinação feminina. Sua trajetória — da mística feminina descrita por Friedan (1971) ainda no século passado até a estética hiperconectada do TikTok — mostra que o desconforto com a domesticidade compulsória e o fascínio por ela convivem, de forma cíclica, na cultura ocidental.

As redes sociais, em particular o TikTok, desempenham papel ativo nesse processo, tanto por amplificar esteticamente esse estilo de vida quanto por, em alguns casos, conectar esse público a conteúdos políticos e religiosos mais conservadores, incluindo interseções documentadas com a *manosfera*. No Brasil, o fenômeno se soma a um contexto de desigualdade persistente na divisão do trabalho doméstico e de forte polarização em torno do papel social da mulher, o que reforça a necessidade de leituras localizadas, que não se limitem a importar acriticamente o debate produzido no contexto norte-americano.

Para a Psicologia inserida no campo da saúde da mulher, o desafio está em examinar criticamente as condições sociais, econômicas, religiosas e algorítmicas que tornam esse modelo atrativo, sem descambar para o julgamento moral das mulheres que o adotam nem para sua celebração acrítica como mera expressão de liberdade. A dimensão da dependência financeira, em particular, exige atenção redobrada, por sua sobreposição documentada com fatores de risco para a violência doméstica e para sintomas de ansiedade e depressão, ao passo que a dimensão de classe social lembra que a própria possibilidade de escolha está desigualmente distribuída entre as mulheres. Achados que relativizam a autonomia decisória





como fator isoladamente protetivo reforçam que o alvo clínico não deve ser a rotina doméstica em si, mas a qualidade do suporte relacional e material disponível à mulher, seja qual for o arranjo de vida escolhido. Estudos futuros, sobretudo empíricos, conduzidos no contexto brasileiro e com participação direta de mulheres que se identificam como tradwifes, são necessários para compreender com maior profundidade suas motivações e os eventuais custos psicológicos e sociais dessa escolha ao longo do tempo, contribuindo para protocolos de rastreamento e cuidado dentro dos serviços de saúde da mulher.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEM, Sandra L. Gender schema theory: a cognitive account of sex typing. *Psychological Review*, Washington, DC, v. 88, n. 4, p. 354-364, 1981.

BETZ, Diana E.; LISS, Miriam; RAMSEY, Laura R. Not the solution we proposed: feminist psychological insights into the tradwife phenomenon. *Psychology of Women Quarterly*, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/03616843261442440>. Acesso em: 24 jul. 2026.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DECI, Edward L.; RYAN, Richard M. The "what" and "why" of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000.

ENNS, Carolyn Zerbe. Feminist theories and feminist psychotherapies: origins, themes, and diversity. 2. ed. New York: Routledge, 2004.

FARVID, Panteá et al. Tradwife influencers and the mainstreaming of alt-right femininity: a visual motif analysis of gendered extremism online. *Psychology of Women Quarterly*, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/03616843261442466>. Acesso em: 24 jul. 2026.

FRIEDAN, Betty. Mística feminina. Tradução de Áurea Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971.

FRIEDMAN, Marilyn. Autonomy, gender, politics. New York: Oxford University Press, 2003.

GERBNER, George; GROSS, Larry. Living with television: the violence profile. *Journal of Communication*, v. 26, n. 2, p. 173-199, 1976.

GILL, Rosalind. Postfeminist media culture: elements of a sensibility. *European Journal of Cultural Studies*, v. 10, n. 2, p. 147-166, 2007.

GIOLO, Giulia. Cultural transgressions and media contestation: a qualitative study of the tradwife trend in Dutch media. *Popular Communication*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15405702.2025.2560859>. Acesso em: 24 jul. 2026.





HOOKS, bell. *Feminism is for everybody: passionate politics*. Cambridge: South End Press, 2000.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Dependência econômica e violência doméstica conjugal no Brasil. Planejamento e Políticas Públicas, 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/ppp/article/view/1463>. Acesso em: 24 jul. 2026.

EOM, Yoo Jeong; JANG, Sooyoung; HASMAN, Andrea; SUBRAMANIAN, S. V.; KIM, Rockli. Exploring the link between women's empowerment, depression, and anxiety in Bangladesh: evidence from a nationally representative cross-sectional study. *Journal of Global Health*, v. 16, p. 04189, 2026.

ISTOÉ. "Tradwife": especialista analisa movimento que romantiza o trabalho doméstico. IstoÉ, 2025. Disponível em: <https://mulher.istoe.com.br/tradwife-especialista-analisa-movimento-que-romantiza-o-trabalho-domestico>. Acesso em: 24 jul. 2026.

MEDIA MATTERS FOR AMERICA. Study: tradwife influencers are quietly spreading far-right conspiracy theories. Media Matters for America, 2025. Disponível em: <https://www.mediamatters.org/tiktok/study-tradwife-influencers-are-quietly-spreading-far-right-conspiracy-theories>. Acesso em: 24 jul. 2026.

REVISTA FOCO. Dependência emocional: permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. Revista FOCO, 2025. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8291>. Acesso em: 24 jul. 2026.

ROTTENBERG, Catherine. The rise of neoliberal feminism. *Cultural Studies*, v. 28, n. 3, p. 418-437, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SCOTT, Kate; DAY, Lucy. TikTok tradwives: femininity, reproduction, and social media. *Gender and Education*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09540253.2025.2546050>. Acesso em: 24 jul. 2026.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Madri: Traficantes de Sueños, 2016.

SELIGMAN, Martin E. P. *Helplessness: on depression, development, and death*. San Francisco: W. H. Freeman, 1975.

SKOGAN. The rising intersection of the manosphere and conservative Christianity: a backlash against gender equality. Skogan, 2025. Disponível em: <https://www.skogan.org/the-rising-intersection-of-the-manosphere-and-conservative-christianity-a-backlash-against-gender-equality/>. Acesso em: 24 jul. 2026.

SLER. Tradwife, a volta da esposa tradicional. Sler, 2024. Disponível em: <https://sler.com.br/tradwife-movement-a-volta-da-esposa-tradicional/>. Acesso em: 24 jul. 2026.

